



# TEXTO, DISCURSO E SABERES TRADICIONAIS: ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA ENTREVISTA COM UMA MESTRA DO SABER NO ÂMBITO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

## TEXT, DISCOURSE AND TRADITIONAL KNOWLEDGE: DISCURSIVE ANALYSIS OF AN INTERVIEW WITH A MASTER OF KNOWLEDGE WITHIN RESIDENCE PEDAGOGIC PROGRAM

Claudiana A. de Paula\*  
José Claudio Luiz Nobre\*\*  
Alcione Aparecida Ferreira\*\*\*  
Elisete Martins Da Silva\*\*\*\*

### RESUMO:

O presente texto resulta de um esforço teórico metodológico de busca da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e tem como objetivo trazer recortes teóricos e discussões feitas em sala de aula, na unidade curricular 'Estudo do Texto e do Discurso', em diálogo com uma atividade de entrevista de mestres e mestras de saberes em Santo Antônio do Itambé, realizada no âmbito do Programa Residência Pedagógica. Com base em postulados de Pêcheux(1969), Foucault (1979), Benveniste (1995) e Orlandi (1996), por exemplo, buscou-se verificar, na materialidade discursiva, como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na língua nas marcas de subjetividade de pessoas reais que, na e pela linguagem, experienciam o mundo e se fazem 'sujeito' na interação com o outro. Buscou-se pela análise discursiva observar em falas de uma mestra de saber e observar se e como esta se constrói "mestra de saber"; como ela se organiza, organizando o seu próprio discurso na interação linguística permeada pela entrevista, e instituindo seu "lugar de fala". Como resultado, percebeu-se mais claramente o texto/discurso como lugar em que os interlocutores possam se situar, construir identidade discursiva e exercer seu poder de fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Texto/Discurso. Saberes ancestrais. Sujeito discursivo.

### ABSTRACT:

This text is the result of a theoretical methodological effort to seek the inseparability of teaching-research-extension and aims to bring theoretical excerpts and discussions carried out in the classroom, in the curricular unit 'Study of Text and Discourse', in dialogue with an activity interview of masters of knowledge in Santo Antônio do Itambé, carried out within the scope of the Pedagogical Residency Program. Based on postulates by Pêcheux (1969), Foucault (1979), Benveniste (1995) and Orlandi

---

\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [claudianapaula20@gmail.com](mailto:claudianapaula20@gmail.com).

\*\* Docente Orientador do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [jose.nobre@ufvjm.edu.br](mailto:jose.nobre@ufvjm.edu.br).

\*\*\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [alcione.ferreira@ufvjm.edu.br](mailto:alcione.ferreira@ufvjm.edu.br).

\*\*\*\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [elisete.martins@ufvjm.edu.br](mailto:elisete.martins@ufvjm.edu.br).

(1996), for example, we sought to verify, in discursive materiality, how language is materialized in ideology and how it manifests itself in language in the marks of subjectivity of real people who, in and through language, experience the world and become 'subjects' in interaction with others. Through discursive analysis, we sought to observe the speeches of a master of knowledge and observe whether and how she constructs herself as a “master of knowledge”; how she organizes herself, organizing her own speech in the linguistic interaction permeated by the interview, and establishing her “place of speech”. As a result, the text/discourse was perceived more clearly as a place in which interlocutors can situate themselves, construct discursive identity and exercise their power of speech.

KEYWORDS: Text/Discourse. Ancestral knowledge. Discursive subject.

## Introdução

O trabalho consiste na construção de um ensaio acadêmico, abordando em uma lente teórica sobre texto e discurso e a partir desses conceitos entender e analisar como tais termos são construídos pelos povos do campo. Para desenvolvê-lo, foi preciso fazer o levantamento de vários textos que dialogassem com o tema para a produção dos recortes teóricos. As discussões e reflexões que foram abordadas em sala de aula com a disciplina Estudo do Texto e do Discurso, foram de grande valia para o entendimento e a compreensão dos temas que foram tratados ao longo do trabalho.

Compreendendo a importância de relatar e valorizar a temática dos saberes dos povos do campo, a Licenciatura em Educação do Campo por decisão conjunta com suas representações acadêmicas, indicou, por dois semestres consecutivos, o tema integrador<sup>1</sup> “Saberes e Fazeres Ancestrais dos Povos do Campo”. Graças a isso, em ações contínuas e interdisciplinares, o trabalho do Tempo Comunidade seguiu na mesma linha de abordagem na pesquisa dos mestres de saberes e povos das comunidades do campo.

Com base em teorias vistas em sala de aula procurou-se escolher um evento, um ato, ou um contexto comunicativo para a análise discursiva do povo do campo e optou-se por usar uma ficha de entrevista, que continha dados a respeito de uma mestra de saberes populares da cidade de Santo Antônio do Itambé, Minas Gerais. Tal ficha

---

<sup>1</sup> O tema integrador (ou tema gerador, ou tema transversal) são temáticas estabelecidas semestralmente na Licenciatura em Educação do Campo, que podem ser abordadas em todas as unidades curriculares (UCs) e orientam as atividades de Tempo Comunidade, sejam nos trabalhos individuais das UCs, sejam nas atividades interdisciplinares de Práticas de ensino, pesquisa e/ou extensão.

foi produzida por estudantes bolsistas do Programa Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Ao todo, são cinco fichas a respeito da vida de cinco mestres da região de Santo Antônio do Itambé, que, posteriormente, comporão um documentário ou outro material de divulgação. Neste trabalho, porém, como a pesquisa está em andamento, analisamos uma só ficha: a da mestra M. R. S., com base na qual se realizou a análise aqui apresentada.

## Referencial teórico

Sem a pretensão de aprofundamento teórico, dispomos a seguir alguns conceitos com os quais trabalhamos e que foram considerados na análise da entrevista.

### *Texto*

Sabemos que, na literatura relacionada aos estudos linguísticos, há uma diversidade de conceitos para texto: uns mais relacionadas à perspectiva estruturalista de língua como sistema, como estrutura, etc., outros mais ligados à perspectiva funcionalista, interacionista, pragmática... Aqui, adotaremos a noção de texto como uma unidade linguística, ato, evento, atividade com função comunicativa, construída por e construtora de operações sociocognitivas por meio das quais os seres humanos promovem práticas interativas e constroem sentido.

Historicamente a Linguística Textual trata o texto

como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico, abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, dos níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (MARCUSCHI, 1983, p. 12-3. *apud* GREGOLIN).

Inobstante aos aspectos ligados à estrutura e ao sentido textual, no escopo discursivo texto são construções sociais que refletem as relações de poder e identidade. (FOUCAULT, 1979). E esta percepção nos interessa, à medida que observamos nas entrevistas com mestres e mestras que estes, além de organizarem a fala, buscando-se a

construção unidade(s) de sentido, também se fazem sujeitos cujas identidades e lugares de fala ficam evidentes nos próprios textos.

### *Discurso*

Antes mesmo de se definir discurso, é importante acompanhar a visão de Pêcheux (1969), em relação às relações sociais, aos lugares de fala, às construções de identidade, à construção e posição dos sujeitos de fala, que, em síntese, está nos dizeres a seguir:

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe de empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, i.e., presente, mas transformado [...] se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). (PÊCHEUX, 1969. p. 82).

Uma linha de compreensão do discurso perpassa a percepção de como pessoas se instituem sujeitos de fala e enquanto sujeito se situa e constrói sua identidade no sentido de garantir seu poder de fala. Nesse sentido, os enunciados discursivamente situados, podem variar muito, dependendo do contexto em que ocorre. Depende, por exemplo, do tempo cronológico e do tempo histórico, podendo ser mobilizados de acordo com quem fala, para quem fala, em que tempo/espço fala. Até mesmo o modo de fala (o fato de o enunciado ser verbal (oral ou escrito) ou não verbal pode afetar as escolhas linguísticas nas formulações discursivas.

Para (ORLANDI, 1978, p. 33), por exemplo, “o discurso é o modo de existência social da língua”, ou seja, o discurso é uma das formas que o sujeito utiliza para se comunicar, interagir e, socialmente, produzir significado(a)s comuns, com os quais e a partir dos quais pessoas se associam, se agrupam com base nos sentidos e nos próprios efeitos de sentido. Se para Foucault o discurso pode ser concebido “como um conjunto de enunciados que se remete a uma mesma formação discursiva”,

(FOUCAULT, 1969. p. 146 *apud* BRANDÃO, 2004. p.33), o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, ou da linguagem como a origem do enunciado (seu autor/sua autora), mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado. Essa visão da relação entre sujeito e enunciado é elaborada por meio de uma caracterização de “formações discursivas” ou “formações ideológicas”, constituídas por configurações particulares de “modalidades enunciativas”, que são os “modos de dizer”, e de “efeitos de sentido”, muitas vezes determinantes de cada ‘formação discursiva’ e, em certo grau, determinados por ela.

De acordo com (BRANDÃO, 2004, p. 48), a Formação Discursiva (FD) “é constituída por um sistema de paráfrase, isto é, é um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade”. Compreende-se, assim, que a FD, é determinada por conjuntos de enunciados e de práticas nas quais o sujeito é constituído e “constrói” o seu discurso. Nota-se que a FD, então, está ligada também a Formação ideológica, porque o sujeito só consegue construir o discurso através de uma ideologia, a partir de uma posição social constitutiva do próprio sujeito que fala.

Tal percepção dialoga com Pêcheux (1969), um dos principais nomes da AD, que define discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores”. Fala-se aqui do sentido ou sentidos produzidos pelo(s) sujeito(s) interlocutores ao elaborarem texto(s) (falar/escrever), as suas intenções comunicativas e a forma como textos são recebidos (re)significados por quem ouve/lê as palavras de quem fala/escreve. Pode-se também entendê-lo como ‘representações sociais’ emanadas de e construídas por sujeitos reais em situações concretas de interação linguística.

### *Ethos discursivo*

Uma das definições teóricas de *Ethos* e *Pathos* que dialoga com a linha de pensamento deste texto é do autor Cerqueira Filho (2012, p.174). Segundo ele, “Podemos dizer que o humano é portador de subjetividade e apresenta um aparelho psíquico que inclui uma dimensão inconsciente. A dinâmica desse fenômeno é regida pelo *pathos* (sofrimento, paixão, passividade), pelo afeto”. Ou seja, estão ligadas as emoções do sujeito e, muitas vezes, esses sentimentos de sofrimento, paixão, vêm de

suas próprias experiências, vivenciadas em suas comunidades, através de suas crenças, culturas e de seus valores.

Compreende-se que o *Ethos* está ligado diretamente ao modo de ser do sujeito e seus valores identitários são construídos a partir dos grupos sociais em que ele está inserido. Tais valores, em certo grau, instruem a maneira de agir e se portar de pessoas em suas comunidades, enquanto sujeitos inseridos na sociedade. O *ethos* diz muito sobre a ética do indivíduo, se ele é uma pessoa de má ou boa índole ou um modelo a ser ou não seguido.

O que até aqui parece estar ligado ao comportamental, ao psicológico, ao ético, nos interessa se associado ao conceito de “*ethos* discursivo”, que se refere à imagem ou identidade que um falante constrói através de seu discurso, incluindo sua credibilidade, confiabilidade e autoridade, etc. A essa imagem do sujeito discursivo construída à medida que este ‘desenvolve’ seu discurso e se desenvolve nele. Isso dialoga com a (re)leitura feita por Fiorin (2008a,) do pensamento aristotélico segundo o qual o *ethos*

leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador (I, 1356a apud FIORIN, 2008a, p.139)

## *Ideologia*

A ideologia como o próprio nome já diz, *ideo* vem da noção de ideias, e *logia* campo de estudo de determinadas áreas. Ou seja, a ideologia é um conjunto de ideias, pensamentos e reflexões que o sujeito vai adquirindo no meio social em está inserido. É comum o termo ser associado também a formas de manipulação ou até mesmo de dominação de alguns grupos. Tal manipulação pode ser movida por algum tipo de interesse social. Exemplos do senso comum que podem ser observados de ideologia estão ligados a crenças religiosas, políticas e de classes sociais.

Chauí defende que a ideologia é;

(...) é sinônimo de teoria, que está sendo entendida como a organização sistemática de todos os conhecimentos científicos, indo desde a formação das ideias mais gerais, na matemática, até as menos gerais, na sociologia, e as mais particulares, na moral. Como teoria, a ideologia é produzida pelos sábios que recolhem as opiniões correntes, organizam e sistematizam tais opiniões e, sobretudo, as corrigem, eliminando todo elemento religioso ou metafísico que por ventura nelas exista. Sendo o conhecimento da formação das ideias, tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista social, sendo o conhecimento científico das leis necessárias do real e sendo o corretivo das ideias comuns de uma sociedade, a ideologia, enquanto teoria, passa a ter um papel de comando sobre a prática dos homens, que devem submeter-se aos critérios em andamentos do teórico antes de agir. (CHAUI, 2008. p.11).

Uma das possíveis óticas conceituais que se estabeleceram no meio acadêmico a respeito da Análise do Discurso a concebe como ciência que se ocupa do(s) sujeito(s) do conhecimento e dos sentidos construídos por ele(s) ao produzir um determinado discurso, com base científica ou não. E, muito embora o sujeito não seja o centro do seu discurso, na concepção da AD, nem tenha, muitas vezes, poder soberano de decisão e escolha nas estratégias de produção de discursos, há uma corrente que entende o sujeito como ‘alguém’ que pensa ter o domínio sobre o que diz, mas, na maioria das vezes, são as construções ideológicas de cada um, preexistentes ao sujeito, que determinam os discursos. Nesse jogo, Foucault (1979) instiga a perguntar se o discurso é do sujeito ou se este é que é do discurso, uma vez que o sujeito parece não ter condições de desnudar-se de elementos de sua formação discursiva (que, em última análise, é ideológica), no momento de opinar ou apresentar pareceres a respeito de si, das coisas, dos fatos, do mundo. Nessa perspectiva, o sujeito é ideologicamente “determinado, sem se dar conta, a dizer o que o seu lugar de formação social impõe que seja dito.” (INDURSKY, 1998, p.11.).

### *Sujeito(s), subjetividade e alteridade*

Se partirmos da assertiva de Benveniste (1995, p. 285), segundo a qual é na e pela linguagem que “o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”, compreende-se que o sujeito discursivo se constitui na e pela linguagem, pois, é através

da linguagem que pessoas instituem e se instituem sujeitos de discurso, se relacionam umas com as outras e são capazes de se comunicar, interagir.

De acordo com Brandão (2004, p. 54), na perspectiva da discursiva de linguagem, “o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, e a linguagem passa a ser considerado o lugar da constituição da subjetividade”. Isso nos põe diante da questão da subjetividade na e pela linguagem e, conseqüentemente, diante da questão do sujeito. Este, proposto não pelo sentimento que cada um tem de ser ele mesmo, mas “como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência” (p. 286). Essa subjetividade é uma emergência, no ser, de uma propriedade fundamental na linguagem.

Entende-se, então, que a subjetividade tem perspectiva única e individual do sujeito em situações reais de uso da linguagem, ou seja, é a experiência vivenciada dentro de si, a partir de suas emoções, pensamentos e ações, em síntese é a forma como o ser se percebe sujeito, percebe o outro na interação e constrói sua visão crítica do mundo.

Segundo Benveniste, a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua. Esse locutor enuncia sua posição no discurso através de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade e na linguagem. No processo da enunciação, ao instituir-se um eu, institui-se necessariamente um tu – Imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro face a ele, qualquer que seja o grau de presença que ele atribui a este outro. Toda enunciação é explícita ou implicitamente, uma alocação – ela postula um alocutário. (BENVENISTE, 1974, p. 82, apud BRANDÃO, 2004.).

Como se vê o autor destaca que, nas interações linguísticas surge a subjetividade, visto que os interlocutores se situam na linguagem e no mundo a partir do eu e o outro. É notável a ligação entre o sujeito e a subjetividade, ambos estão presentes da interação com o outro. E nesse universo das interações linguísticas. De certa forma a subjetividade toca também a alteridade, tornando-a mais evidente nas trocas mútuas de conhecimento entre sujeitos, pois “é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem em um processo que não surge de suas próprias consciências, mas de relações sócio-historicamente situadas.” (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011. p. 105). A alteridade, podemos dizer, é o processo de constituição, construção e aperfeiçoamento do indivíduo a partir do outro. Para que o sujeito consiga

olhar para si e compreender as razões que o constitui, é preciso que ele entenda primeiramente as razões e processos que constitui o outro ser, para fazer assim com que ele se situe no espaço que está inserido na sociedade, buscando defender, dialogar e interagir de acordo com as culturas, valores e perspectivas sociais que estão ao seu redor.

### *Povos e comunidades tradicionais*

O que são “povos e comunidades tradicionais”? se “conceitualmente” entendermos são grupos que possuem uma relação histórica e cultural com determinado território, mantendo práticas e modos de vida transmitidos ao longo das gerações; pessoas que possuem características específicas, como formas de organização social, conhecimentos tradicionais e uso sustentável dos recursos naturais, já temos elementos discursivos suficientes para pensar no(s) discursos que instituem esses povos e comunidades, e os categoriza(m) como “tradicionais”; discurso(s) que, em última análise, interpela(m) esses povos em sujeitos nas relações com eles mesmos e com seus territórios; discurso(s) que se materializa(m) e se perpetua(m) em falas (aqui concebidas como textos orais), que traduzem percepções coletivas e indiciam formações discursivas, ideológica comuns nas e das instituições sociais e evidentes nas interações humanas (...). Dito isso, vamos ao conceito.

De acordo com a cartilha dos “Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais” (2017),

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações. (p.10).

Parece haver consenso de que esses povos estabelecem uma relação de respeito mútuo com o seu território e com o meio ambiente em que eles vivem, pois ambos necessitam um do outro para a sobrevivência, nas práticas sustentáveis, no bom manejo com a terra. Essas características os diferem de outros grupos sociais tornando-os específicos daquela identidade. Conhecimentos populares são predominantes de

ARTIGO

comunidades tradicionais rurais, em que os povos e comunidades tradicionais exercem e manejam a sua profissão especificadamente originária de produtos encontrados e cultivados em seus territórios, sendo muitas das vezes realizadas em conjunto com a participação dos familiares e sendo repassados os aprendizados adquiridos pelos ancestrais aos outros que se interessam.

Outro aspecto do modo de vida característico dos povos tradicionais está ligado à produção (entenda-se: plantio e colheita na lavoura), criação, caça, pesca, extrativismo, artesanato. Nota-se nesse movimento uma organização coletiva associada à relação de parentesco e compadrio baseada nas relações de troca e solidariedade entre famílias, grupos locais e comunidades. Vender para o mercado não é o único fim: parte considerada da produção é destinada ao consumo, às trocas, à partilha e às práticas culturais (festas, ritos, procissões, folias de reis, etc), mantendo-se a unidade do grupo (DIREITOS DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2014).

Entre esses povos, há pessoas que, ao longo das gerações se destacam pelo(s) seu(s) saber(s), pela preservação de conhecimentos que perpetuam o próprio de modo de vida da comunidade. Estas são denominadas mestres e mestras da Cultura Popular: pessoas físicas detentoras de saberes que tenham notório (re)conhecimento, longa permanência na atividade e que sejam reconhecidas, por sua própria comunidade, como referências na ‘transmissão’ de saberes, celebrações ou formas de expressões da tradição popular.

Além disso, também é comum entre esses povos a existência de pessoas (sujeitos discursivos a priori) com maior poder de atuação social, que protagonizam um papel frontal e central da comunidade, na busca direitos instituídos e/ou na instituição de direitos sociais, e contribuem na expansão e valorização dos conhecimentos existentes nas comunidades/territórios. Neste movimento de vida, que também é linguageiro, interativo, discursivo, existem pessoas (internas ou externas às comunidades) que busquem mediar nas diversas instâncias sociais os conhecimentos e saberes presentes no território, realizando assim, práticas discursivas, interativas, construtoras e ‘perpetuadoras’ dos saberes, da cultura ali existentes.

## Mestra M. R. S., seus saberes, fazeres e dizeres

A entrevista semiestruturada que será apresentada e analisada a seguir faz parte de um conjunto de materiais (transcrições, gravação de vídeos e áudios) que estão sendo coletados pelo(a)s estudantes bolsistas do projeto da Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em Educação do Campo, dentre o(a)s quais, uma é neta da mestra. O objetivo da entrevista é coletar informações para produzir um documentário dos saberes e fazeres dos mestres e mestras da região, além de pensar e elaborar sequências didáticas com as quais se possam trazer para o espaço escolar os saberes ancestrais e “comungá-los” com os saberes acadêmicos. Neste texto, utilizamos o conteúdo de uma das entrevistas para trazer reflexões a respeito de questões discursivas que permeiam os dizeres, os saberes e os fazeres de mestres e mestras e dos conhecimentos caracterizados como ancestrais.

A mestra M. R. S., mais conhecida como Maria de Antônio de Lino, com seus oitenta e quatro anos de vida “bem vividos” como ela mesma diz, nasceu no município de Serra Azul de Minas, mas depois de um tempo, por circunstâncias da vida, decidiu morar no município de Santo Antônio do Itambé, onde ainda pratica sua atividade de fiar linhas de algodão: atividade que aprendeu com seus parentes escravizados que fugiram para a comunidade de Gameleira em Serra Azul de Minas naqueles tempos muito difíceis. A atividade de fiar, o cultivo com a terra e a agricultura serviram e servem de sobrevivência para ela e seus parentes, com quem vivia uma vida “bem difícil” (palavras dela) na época da escravidão do Brasil.

Como ela mesma nos disse, desde pequena, aos 8 anos, iniciou com seus pais o cultivo da terra e a ‘profissão’ de lavradora. Por volta dos 10 anos de idade, aprendeu a fiar linha com seus parentes escravizados. Esta prática de tecelagem fez com muito agrado no decorrer de sua vida. Atualmente está aposentada por idade, mas ainda fia linha, cultiva jardins com plantas medicinais, suculentas e conta suas histórias de vida: fala da vivência e a da região em que cresceu e criou sua família. Notamos que ela traz os nomes de seus parentes, antepassados, e suas narrativas, como uma linha de seu tear, pois de uma história ela parte para outra com muita felicidade e emoção de recontar suas memórias.

A mestra Maria de Lino, além do “bem viver” com a natureza, detém outros conhecimentos, como a sabedoria de cultivar e usar as plantas medicinais. Onde

aprendeu esta arte e ofício? De pronto ela responde: na “Escola da Vida”. Escola em que aprendeu e em que ensina. O cultivo das plantas medicinais e preparo de chás, entre as outras atividades destacadas por ela e adquiridos desde a infância, contêm neles aprendizados e conhecimentos que podem dialogar com conhecimentos escolares, como, por exemplo, dos nomes das plantas, as receitas, as indicações, a posologia.

Também na jornada de sua vida, aprendeu a fiar. Conhece, com maestria, para que servem os materiais utilizados em sua profissão e produzidos por ela mesma – a exemplo do “fuso” – na produção das linhas de algodão. Sabe claramente a maneira de realizar cada procedimento da tecelagem.

Ao ser perguntada qual a relação que ela tinha com as outras pessoas, a mestra relatou que compartilhava de alguns materiais que ela fazia com a costura. Essa fala reforça o conceito apresentado anteriormente como uma das características dos povos e das comunidades tradicionais, pois eles buscam pela relação mútua com os membros da própria comunidade. É o que se vê, no momento em que ela decide compartilhar algo com outras pessoas e se associa às relações de troca e de solidariedade, como forma coletiva de enfrentar as “dificuldades da vida”:

*As dificuldades naquele tempo eram muitas, eu tecia e fazia as roupas para as crianças vestir, a gente aprendia a fazer as coisas para poder comer, pois era muito precária a condição financeira, fazia beiju na panela para poder alimentar os filhos. E tenho comigo esse aprendizado que aprendi desde minha infância com meus avós. (Mestra M.R.S. 2023).*

Em síntese, é notável que a mestra Maria de Lino, por um lado, (i) reconhece a presença da luta, da partilha da solidariedade e da resistência na superação das dificuldades e construção da própria identidade (individual e coletiva) e da cultura no território; (ii) carrega consigo os aprendizados recebidos da mãe e tem a ciência da importância que foi (e é) desses saberes terem sido transmitidos a ela. Por outro lado, no momento em que ela destaca as mudanças ocorridas nos trabalhos, como a adaptação das linhas de fiar para as industrializadas, lamenta a perda das tradições que vão sendo esquecidas, pelo fato de algumas pessoas já não terem interesse em aprender esses saberes ou pelo fato de que esses conhecimentos não são passados adiante.

## *Do Texto/Discurso*

Nesta seção, de caráter ensaístico, buscaremos reunir elementos das teorias do texto/discurso em evidência nos dizeres da pessoa M.R.S., interpelada MESTRA, em uma (inter)atividade linguística, um evento sociocomunicativo denominado ‘entrevista’, situado, datado, em que sociocognitivamente, (i) se instituem sujeitos entrevistadores (estudantes bolsistas do Residência Pedagógica na Licenciatura em Educação do Campo, etc.) e sujeito entrevistado (mestra M.R.S) e (ii) se “erguem” mundo(s) discursivos(s) materializados nas falas. Ainda que não apresentemos aqui a totalidade da entrevista, entendemos que os pequenos recortes evidenciam aspectos textuais/discursivos a respeito dos quais teorizamos.

Notamos, por exemplo, que, ao longo da entrevista, Maria de Lino constrói um “*ethos* discursivo” (que se refere à imagem ou identidade que um falante constrói de si na relação com o outro) de uma mulher viúva, aposentada, que, desde criança precisou lutar muito para sobreviver à fome, aos perigos (bichos, animais peçonhentos, etc.), enquanto se instalava com sua família em cabanas debaixo das lapas, ou nos períodos de colher flores; de pessoa que enfrentou condições precárias de sobrevivência, de privações de itens de necessidades básicas, como comida na mesa, roupas para se vestir, etc. São traços identitários, imagem do sujeito discursivo, construída à medida que este ‘desenvolve’ seu discurso e se desenvolve nele, que lhe garante credibilidade, confiabilidade e autoridade, etc.

Outro aspecto de relevância que notamos é o esforço cognitivo e a capacidade linguística do sujeito falante de relacionar, organizar, interligar, tecer diferentes dimensões da realidade em uma unidade complexa<sup>2</sup> de sentido a que chamamos TEXTO. Evidentemente, há inúmeras outros eventos narrativos constitutivos da complexidade da vida no campo, mas o sujeito falante, especificamente a mestra M.R.S. agenciou e articulou somente os aspectos que interessavam como

---

<sup>2</sup> Não tratamos neste estudo da Teoria da Complexidade atribuída a Edgar Morin. Mas consideramos importante evidenciar aqui que a complexidade da vida envolve a inter-relação entre os objetos, pessoas, eventos, bem como as interações existentes entre eles. E, discursivamente, o ser humano, nas atividades linguageiras, tem a capacidade de construir unidades/narrativas complexas de vida em que estão inter-relacionadas as condições humanas, os conhecimentos, a subjetividade, as questões econômicas, entre outros.

temática possível na situação de fala estabelecida pela integração linguística dada na e pela entrevista.

No trecho a seguir, destacaremos (em negrito) marcas textuais que resultam do esforço linguístico cognitivo de manter a unidade temática, a continuidade e a progressão na complexa unidade linguística que se desenvolve na fala da mestra M.R.S:

- ***Eu fico muito alegre docês ter vindo aqui porque*** eu graças a Deus Dia dezesseis (é dia quinze, mas vai ficar pra dia dezesseis), vou completar oitenta e quatro ano. Já passei pela sombra da morte, tive dezesseis filhos; Cresceu doze. Depois... morreram né? Deus permitiu de morrer morreu né? Está lá com Deus né? E estou aqui! De vez em quando Deus fala assim: “Eu vou te levar minha serva!”. Eu falo: “Não!, vou ficar mais uns dias aqui com meus filho. Vou ficar aqui!”; *Aí Deus fala assim: “É mesmo! Vai ficar sim! eu vou permitir.”*

*Minha vida foi uma vida corrida, sofrida. Tive meus filhos. 16 filhos. 16 não: 17. 17 filhos eu tive. Escapou 12. De 12 tem 10. O mais velho está com sessenta e... está quase com setenta anos. Carlos está quase com 70 anos né? E ninguém fala que tem essa idade, né? E eu já sou avó de tataraneto. Acho que é três (...) É quatro (...) O mais novo até esqueci o nome dele. (...)*

***Então né? E eu tô muito alegre por isso, né?*** Muito alegre. Tô com saúde graças a Deus. Tô aqui. Quando for dia dezesseis, eu quero vocês aqui, minha família! (...) É dia dezesseis, viu? Eu já falei com seu pai (...) Falei com Júlia também. Em nome de Jesus, eu quero minha família aqui reunida (...).

Nesse mesmo trecho acima, há evidências de outro conceito presente nos estudos do texto/discurso: o de Formação Discursiva, ligado ao conceito de formação ideológica, que está presente em toda entrevista, evidentes, sobretudo, em partes em que aparecem aspectos da religiosidade. Ou, ainda, quando fica evidente que os saberes ancestrais são “transmitidos” de geração em geração, o que configura a existência de uma FD nas relações humanas, a exemplo do que se evidencia neste trecho em que a mestra informa com quem aprendeu a fiar:

*(Aprendi) com a minha avó! minha avó, bisavó, né? minha avó, vó de seu avó Antoninbo, eles plantava muito cafezeiro, fiava linha. Aqueles fusos, eu aprendi a fiar linha foi com ela. Deixe eu ver se está ali para mostrar ocê... Algodão, eu planto o algodão para poder fazer a linha. Eu planto até hoje..*

Em outro trecho da entrevista<sup>3</sup>, em que M.R.S conta um acontecimento com uma cobra, a entrevistadora, neta da entrevistada, abre um leque temático dentro da narrativa, mas a unidade do texto é garantida pela mestra, que, em alguns momentos, registra a necessidade de se continuar a história e construir o enredo. Primeiramente a filha da mestra pede a ela para contar a “história da cobra que passou por cima dos meninos”. Ao que ela responde que iria contar a história para a entrevistadora. E começa situando a história no tempo: quanto “*tinha perdido uma menina*”. A entrevistadora aponta outros assuntos: um deles é o de ‘a mestra ser a única pessoa vida nua família de 9 filhos’. Indagada pela neta: “A senhora tá aí contando a história deles né, vó?”, a mestra promove a interação, responde à pergunta do momento enunciativo, mas retoma a narrativa principal ao responder: “*É, tô minha filha contando história! E depois a cobra minha filha, esse dia que eu tive essa menina... (e já tinha) Carlos e Felícia e Maria*”. Mais à frente na entrevista, a neta faz outra pergunta não ligada à temática a respeito de um fogão a lenha antigo que está na casa da mestra e que, na perspectiva na entrevistadora é uma lembrança (“*E é lembrança também né, vó?!*”). A entrevistada mais uma vez e, de forma decisiva, responde à indagação, mas retoma e mantém a narrativa (*E é lembrança. Deixa ele (o fogão). E aí, o negócio da cobra. Deixa eu acabar de contar o caso como é que foi. Oh, minha filha! Mãe foi embora e eu fiquei lá.*)

Um outro ponto presente nas construções linguístico-discursivas da mestra M.R.S são as marcas de alteridade, em que o sujeito falante evidencia a presença do outro e organiza seu discurso com base na imagem que constrói do interlocutor. As marcas mais comuns e esperadas estão nas prontas respostas que a mestra M.R.S constrói em resposta a perguntas da entrevistadora ou da filha, que em um momento da entrevista solicita à mãe que conte a história da cobra. Vê-se presente também no diálogo de M.R.S. com o esposo nessa narrativa em que ele teve de solicitar a ela que acendesse a lamparina ou a taquara para clarear o ambiente com pouca iluminação, para que pudesse enxergar melhor a cobra que comia os franguinhos. Há um destaque neste acontecimento, que é a avaliação feita por M.R.S em relação a seu esposo, quando percebe que este optou por não falar com ela o que era ou que ‘bicho’ era. Eis o trecho a seguir:

---

<sup>3</sup> Veja, no anexo, o excerto 3 da entrevista. No trecho da narrativa, há também o destaque dos elementos linguísticos mantenedores da unidade temática.

*A Aparecida tava pequenininha. Eu já tinha perdido outro. Aí quando a galinha gritou lá, eu gritei Antônio, e falei assim: “ô Antônio!”. Ele falou: “o que é Maria?”. “Ô Antônio ocê num tá escutando como a galinha está gritando lá na cozinha? A lua tá clara; o reflexo da lua tá batendo no rancho. Aí tem um trem mexendo na galinha. Às vezes tá roubando a galinha. Corre! Levanta! Tem alguma coisa roubando a galinha mais os pintos. Corre, Antônio, corre!” (...)* Aí, quando ele chega lá era uma... aquele monstro daquela cobra... aquele jaracuçu lá. **Mas ele não falou comigo não, porque ele ficou com medo de falar comigo e eu cair até da cama e morrer lá, porque ele sabia que eu estava de resguardo.**

A presença do outro no Discurso ainda se destaca numa decisão, uma atitude de M.R.S de preservar na casa atual um fogão a lenha em função de uma ponderação feita por um filho:

*Ele que falou assim: “ô mãe! Meu pai!! é lugar que meu pai quentava fogo! Não tira esse fogão de lenha não! Não tira não! Deixa esse fogão de lenha aí”. Aí eu não teimei com ele não. Falei assim: “num vou teimar com ele não”.*

Outros conceitos e outras evidências discursivas são evidentes na entrevista em análise, mas, optamos por trazer aqui uma pequena amostragem de elementos discursivos com os quais trabalhamos.

## Considerações finais

Diante dos estudos realizados em sala de aula, no decorrer da unidade curricular ‘Estudos do Texto e do Discurso’, e da proposta de escrita de um ensaio (ou artigo), aceitamos o desafio de fazer este estudo, com o qual vislumbramos positivas reflexões a respeito do tema “Saberes e fazeres ancestrais dos povos do campo”. Uma delas é a própria necessidade de se considerar o esforço teórico metodológico de se promover a indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão. Outra é importância de se entender o fio discursivo evidente nos diálogos possíveis sobre o tema. E estudar ‘Texto/Discurso’ e seus conceitos foi de suma relevância para a construção desse ensaio.

Outro aspecto reflexivo de grande relevância é, hoje, o nosso (re)conhecimento de que ser um mestre de saber é ser guardião de grandes conteúdos importantíssimos que preservam características identitárias de um território, de uma região. Ser detentor de saberes popular é carregar consigo uma bagagem de

conhecimentos históricos, culturais, mesmo havendo pessoas que ainda não os reconheçam nem os valorizem. E em meio aos conhecimentos populares, existem aspectos teóricos, acadêmicos, que também são perceptíveis e estudados, mesmo sem os mestres de saberes terem a ideia do que são teorias.

Percebemos também a grande valia que tem, fazer registros das tradições das comunidades e povos do campo, dos seus saberes e fazeres, no sentido de reconhecê-los, resgatá-los, dar-lhes visibilidade e legitimidade tanto nos territórios quanto nas instituições escolares. É possível, por exemplo, criar um acervo com as histórias contadas pelos mestres e mestras de saberes, sejam elas fictícias ou reais. Entendemos que esse movimento fortalecerá e valorizará as pessoas que construíram suas próprias histórias, que ergueram comunidades e guardam saberes significativos, que precisam ser curricularizados, legitimados nas escolas.

A mestra Maria de Lino, é, para nós, um exemplo de pessoa que reconhece a importância da sua cultura. Notamos que, sempre que alguém a procura para conhecer um pouco sobre a sua atividade, ela se sente muito feliz e grata, pois vê a valorização e o reconhecimento do seu saber ancestral por outras pessoas. Ela nos proporcionou conhecer um pouco mais sobre saberes tradicionais e vimos nela **uma grande guardiã dos saberes ancestrais.**

## Referências

- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral** - I. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995. Título original: *Problèmes de linguistique générale*.
- BRANDÃO, H. H Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Benjamin, W. & Said, E. **Aproximações intelectuais e afetivas. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Lingüística textual e ensino de língua: construindo a textualidade na escola. ALFA: Revista de Linguística**, v. 37, 1993.
- INDURSKY, F. A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. In: **Cadernos do IL. n° 20**. Porto Alegre, UFRGS, Instituto de Letras, dez. 1998.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. de. Vygotsky e Bakhtin/ Volochinov: dialogia e alteridade. Bakhtiniana. **Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], n. 5, p. 103–115, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4749>. Acesso em: 14 set. 2023.

MINAS GERAIS. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais (CIMOS). Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). **Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Belo Horizonte: MPMG, 2014. Disponível em: Acesso em: 18 abr. 2017.

ORLANDI, Eni. O sentido dominante: a literalidade como produto da história. In: ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996, 4ª ed.

PECHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 61-161. Original de 1969.

PEREIRA, Everton Almeida. Sujeito e linguagem em "As palavras e as coisas", de Michel Foucault. **Estudos Semióticos**, v. 7, n. 2, p. 94-101, 2011. Colocar se é artigo ou capítulo ou livro